

 **TERRITÓRIOS**  
**afrofuturistas**  
Novas narrativas para o sertão



# A MÁRTIR E A VELHA

Ezequiel Quirino

**realização**

**RESONÂNCIA**  
PRETA

**apoio**

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

LEI  
ALDIR  
BLANC  
CEARÁ



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
Secretaria da Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA  
MINISTÉRIO DO TURISMO

PÁTRIA AMADA  
BRASIL

**Ilustrações: Rômulo Fideles**

**EQUIPE:**

**Organização: Kinaya Black**

**Coordenação: Alan Avelino e Milena Sousa**

**Revisão do texto: Samuel Maciel**

**Ilustração: Rômulo Fideles**

**Capa: Jason Felipe**

## A Mártir e a Velha

Ezequiel Quirino

"Há quanto tempo a senhora está aqui, vovó?", perguntou Carmélia à avó, enquanto tinha seus cabelos trançados pela senhora. "Já faz séculos, minha pretinha, já vi gerações inteiras partirem e chegarem e trouxe à vida várias pessoas", respondeu a avó, que logo foi retrucada pela neta, "E por que a senhora também não partiu, vovó?" perguntou Carmélia, com o couro cabeludo dolorido pelas tranças mas contemplava seu reflexo no espelho e admirava seu cabelo, que lentamente era dividido em seções pela avó, que trançava o cabelo da neta com amor, seus olhos biônicos ampliavam sua visão e não deixavam que um único detalhe escapasse da visão da senhora, trançando as mechas da neta com a precisão de uma cirurgiã.

"Não terei com quem me juntar se partir", disse a avó. "E a senhora precisa se juntar a alguém pra ir, vó?" perguntou Carmélia à avó, encarando o próprio rosto em confusão em frente ao espelho pensando no que a avó disse. "Eu de nada serei sem ninguém", respondeu a idosa um pouco cansada com as perguntas, era desgastante ter de pensar em todo o tempo que passou viva, pensava em todos que já viu partir, mas respondia as perguntas da neta compreensiva pois bem sabia que crianças não medem as próprias palavras. "E eu preciso de alguém pra ser alguém, vovó?"

E as perguntas permeavam cada vez mais a mente de Carmélia com as palavras de sua avó, mas confiava nela e em sua sabedoria para tirar as suas dúvidas, mas a pergunta permaneceu um tempo sem resposta e a sala em que estavam ficou em silêncio, sendo somente preenchida pelo som de sua mãe passando as páginas do livro que lia sentada numa cadeira, e Carmélia aguardava pacientemente a resposta da avó, que lentamente concluía seu trabalho e finalizava as tranças no cabelo da neta.

"Olhe pro seu cabelo, meu amor. Essas tranças em seu cabelo que fiz estou passando para você, assim como passei para sua mãe e como um dia passaram para mim, se não tivessem me passado o conhecimento de fazer essas tranças seu cabelo não estaria lindo como está agora. Nós de nada somos sem o que já se foi, o que é passado de conhecimento, hoje é presente do passado, e o que será passado para o amanhã depende do presente. Você existe porque eu existo, e eu

não posso existir sem você, pretinha, e isso é com tudo e com todos", Carmélia ouvia o que a avó dizia enquanto admirava seu cabelo no espelho, "é por isso que aqui estamos e lutamos, para termos um presente pleno precisamos resgatar nosso passado, para assim podermos construir nosso futuro".

A mãe virou mais uma página do livro.

Carmélia retorna de seus pensamentos, está em pé diante do espelho do seu banheiro observando o próprio reflexo e admirando as tranças que fez em seu cabelo, lembrando de memórias da infância, dando os toques finais no cabelo antes de sair do banheiro, estava indo tomar um café na casa da avó naquela manhã, a velha Dona Nê, uma senhora de 273 anos que numa força de vontade inexplicável se recusava a morrer, era dona de uma profunda espiritualidade e consciência.

Dona Nê fez parte de um movimento guerrilheiro de resistência, foi uma das principais figuras no movimento que deu origem à Nação do Sertão Central, a NSC, que começou a ser formada pelo povo da região junto das pessoas que viviam na costa, que expulsas pelo avanço do mar, buscavam abrigo no interior e sofriam com abusos e violências das forças militares.

Abandonados por qualquer auxílio do governo e deixados à mercê do destino, todo o povo unido passou a criar, pouco a pouco, uma enorme nação completamente autônoma e independente de qualquer influência estatal, explorando a energia solar e desenvolvendo avançadas tecnologias, terras de cultivo em policultura, avançados sistemas de irrigação, canais, cisternas e açudes, e depois de quase um século a região estava tão avançada quanto a capital do estado, que agora se localizava na região do Cariri.

Em Quixeramobim, sede principal da Nação do Sertão Central, Carmélia cumpria a importante função de supervisora e conselheira da região e precisava estar sempre ciente de tudo que acontecia ali, precisando estar sempre repassando informações para outros supervisores e ao povo e estar sempre atenta às informações que recebia de todos, tudo isso por um sistema de rede que desenvolveram em todo o Sertão Central, onde as informações não ficam armazenadas em servidores fixos, mas sim são transmitidas de usuário para usuário na região, se sustentando em todos eles para existir, fazendo dessa rede impossível de se acessar de fora.

Com essas responsabilidades e todo o tempo que passou supervisionando e

visitando cada canto da cidade, Carmélia acabou criando muita intimidade com a população da região e por onde passava distribuía e era recebida com cumprimentos, e não foi diferente quando passou em frente a uma escola de ensino infantil e várias crianças correram ao seu encontro:

– Tia Carmélia! as crianças gritaram em coro, correndo em sua direção com sorrisos nos rostos.

– Oi, meus amores! O que vocês estão fazendo aqui fora? Não eram pra tá em aula?

– É hora do recreio, tia! A gente tava brincando no parquinho – disse um menino ofegante e o sol refletia em sua testa suada pela brincadeira.

– Entendi, e do que vocês estavam brincando?

– A gente tava tudo brincando de correr, tia, brincando de pega-pega – respondeu uma menina um pouco mais nova que as demais crianças ali presentes, mas conhecida por ser a mais danada de todas elas, e seu braço enfaixado mostrava isso.

– E tu consegue brincar de correr com um braço desse jeito, menina? perguntou Carmélia, rindo.

– Consigo até com dois, tia! respondeu a menina com a língua afiada.

Carmélia gargalhou, se agachou para dar um beijo na cabeça da menina e disse a todos:

– Ó, juízo vocês, eu tenho que ir agora, mas depois eu venho aqui pra brincar um pouquinho com vocês, tá bem?

– Tá bem, tchau, tia! – todas as crianças gritaram e correram de volta para o parquinho da escola, exceto uma menina, que estava encarando Carmélia com cara de choro, enrolando a camisa entre os dedos numa postura de aflição.

– Tia... – disse a menina, falando baixinho pela timidez, mas ainda assim conseguindo chamar a atenção de Carmélia, que já havia se virado para seguir seu caminho.

Carmélia se virou para a menina, somente para a encontrar se derretendo em lágrimas, soluçando ao mesmo tempo em que suas lágrimas escorriam pelas bochechas.

– Ô meu anjo, o que aconteceu? – perguntou Carmélia à menina, logo se abaixando para pegar a menina em seu colo que a abraçou com força e não parava de chorar – Estou aqui, tenha calma.

A menina, agarrada aos braços de Carmélia, agora se acalmava e as lágrimas e os soluços foram diminuindo para dar espaço à sua voz:

– É a ciranda, tia – respondeu a menina, enxugando as lágrimas dos olhos com as costas das mãos.

– O que tem a ciranda? Alguém fez alguma coisa com você nela?

– Não tia, eu e as meninas tamo brincando normal como sempre, é só eu que rodo, rodo, rodo, mas parece que eu não rodo junto delas, nem parece que eu tô na brincadeira.

– Como assim? Elas tão te deixando de fora da brincadeira, é? perguntou Carmélia, ainda sem entender do que se tratava a angústia da menina.

– Não tia, tá tudo normal, é só eu, sabe? Eu rodo, canto, mas meu coraçãozinho não fica mais feliz, e não é só com a ciranda, parece que nada mais me deixa feliz, tia, e já faz um tempinho que eu tô assim, tô com medo.

Essas palavras perturbam a cabeça de Carmélia, que agora entendia o que se passava com a menina e sabia que precisava resolver isso o quanto antes, não era normal uma criança nova como ela se sentir dessa forma. A menina continuou falando, mas Carmélia nada ouvia, só olhava através dos olhos da menina, reclusa em seus pensamentos: "Como assim, vó?" perguntou Carmélia à avó, que antes de poder falar qualquer coisa, foi cortada pela filha, mãe de Carmélia:

"Tão roubando a alma dos que morreram, Carmélia, roubando a alma se rouba a mente, as memórias, experiências, tudo sendo roubado e toda fonte de sabedoria e inspiração que bebíamos dos falecidos antepassados nos está sendo restrita", disse a mãe de Carmélia, sem tirar os olhos do livro que lia.

"Tão roubando todo o egun", disse Dona Nê.

"E todo o axé, também, sem a energia não somos nada também", acrescentou a mãe de Carmélia.

– Tia, tá tudo bem? perguntou a menina, segurando gentilmente as bochechas de Carmélia e a olhando firme nos olhos, fazendo-a retornar de sua atenção ao momento presente, encarando o rosto da menina como quem estranhasse a lucidez repentina por alguns segundos, com os lábios inferiores suavemente abertos e os olhos fixos, e a menina a continuava encarando, esperando uma resposta. Carmélia formou um sorriso para tentar confortar a menina, segurou suas pequenas bochechas com as

palmas das mãos e lhe deu um beijo na cabeça, retornando seu rosto para perto do rosto da menina, com seus narizes quase encostando um no outro:

– Tá tudo bem sim, não se preocupe, tá certo? – com um sorriso não tão aberto quanto o que havia dado antes, mas ainda sim reconfortante.

– Tá bem – respondeu a menina –, mas o que eu faço então, tia?

O sorriso no rosto de Carmélia, deixando no lugar uma grande expressão de incógnita em seu rosto, não fazia ideia do que responder.

– Foram eles, não foram, tia? perguntou a menina com medo, quase como se pudesse ver o que se passava nos pensamentos de Carmélia por detrás de seus olhos, deixando Carmélia novamente sem palavras.

– Não se preocupe com isso – respondeu Carmélia, reconhecendo que era tudo que podia dizer naquele momento.

A menina acenou com a cabeça e sorriu, confiava em Carmélia mais do que ela confiava em si mesma.

– Ei, Sofia! Bora, a gente vai tudo brincar de esconde-esconde! gritou um menino do parquinho à menina, que se despediu de Carmélia e voltou correndo para o parquinho.

Carmélia assistiu a menina voltar para o parquinho, se levantou e tirou do seu bolso um celular e enviou uma mensagem à avó, avisando que precisava resolver alguns problemas e que não poderia visitá-la naquela manhã, mas talvez mais tarde, depois fechou o aplicativo de mensagens e digitou um número para fazer uma ligação, que em pouco tempo foi atendida do outro lado da linha.

– Alô, filha?

– Oi, mãe.

– Meu deus, há quanto tempo! Lembrou que tem mãe, foi?

Carmélia riu:

– A senhora sabe que é difícil ligar, mãe, você mesma mal liga!

– É, é muita coisa pra eu fazer também aqui em Pedra Branca – disse a mãe de Carmélia com um tom de voz descontraído, que logo se fechou para um tom de voz mais sério – Por que ligou, então? Precisa me dizer alguma coisa importante?

– Na verdade eu precisava saber da Cluster, ela já não dá mais nenhum sinal de operação há muito tempo, tô com um mal pressentimento.

– Não estamos sabendo de nada, por aqui está tudo bem. Mas por que o

mal pressentimento? Aconteceu alguma coisa estranha aí?

Carmélia demorou um pouco para responder à pergunta da mãe, fazendo uma curta pausa para pensar no que dizer:

– Não, nada, tá tudo bem aqui.

– Claramente aconteceu, seu tom de voz entrega. Se prefere não me contar agora, tudo bem, mas por favor avise se alguma coisa acontecer ou se for fazer alguma coisa.

– Ah, claro, tudo bem, aviso – Carmélia movia a boca como se falasse um palavrão em silêncio para si mesma, detestava como não conseguia esconder nada de ninguém.

– Aliás – acrescentou a mãe – tem algo que pode lhe interessar. Seu pai está estudando um aparelho da Cluster que uma tropa de exploração conseguiu roubar de um laboratório de dentro de uma base deles lá pelo Cariri, destruíram tudo, mas pegaram alguns materiais para estudo. Ele está no laboratório de Quixadá, passe lá se tiver interesse, pode ser útil para você. Agora eu preciso desligar, filha, tenho muita coisa pra fazer aqui em Pedra Branca – disse a mãe de Carmélia antes de desligar a ligação.

– Tá certo, então, vou ver o que é isso aí que o pai tá estudando – disse Carmélia a si mesma, guardando o celular de volta em seu bolso e caminhando de volta para sua casa, que ficava há apenas algumas ruas de onde ela estava.

Chegou em sua casa e preparou uma mochila com algumas roupas, um lençol e uma toalha, pois não sabia quanto tempo ficaria em Quixadá, e sabendo disso também informou a uma colega que precisava estar fora de Quixeramobim e pediu para que ela ficasse em seu lugar nas tarefas daquele dia, pegou seus óculos de sol espelhados e os colocou em seu rosto, também pegou a chave de sua moto de cima da mesa da sala, saiu de casa e deu partida na moto que estava estacionada na calçada em frente à sua casa.

Saiu pela estrada em direção à Quixadá e seguindo a estrada que cruzava o sertão foi deixando a cidade de Quixeramobim para trás e o silêncio foi tomando o lugar da zoada da cidade, podendo se ouvir somente o som dos ventos e das rodas da moto de Carmélia, energizada pela luz do sol, que refletia em seus óculos espelhados.

O sol do meio-dia brilhava forte no sertão e banhava de calor um urutau que



erguia o bico aos céus, sentado num toco que um dia foi uma jurema preta, mantendo-se firme em sua posição a ave sutilmente, movendo somente seus olhos, encarou Carmélia que passava ao longe na estrada, que se espantou quando percebeu o olhar da ave, mas quando ela se virou para olhar para o urutau ele já havia fechado os olhos e desaparecido em sua camuflagem, seus olhos eram tudo o que denunciava sua posição.

A elegância daquela ave se prendia aos pensamentos de Carmélia, sempre a viu como uma criatura misteriosa, de uma beleza quase que fantasmagórica, ficando completamente imóvel quase que o dia inteiro, invisível aos olhos dos que passavam, mas sua presença podia ser sentida por todo o sertão, e os pensamentos de Carmélia foram acompanhados durante todo o percurso até Quixadá pela ave.

Momentos como aqueles em que Carmélia estava completamente sozinha eram raros, não estava muito habituada, mas era revigorante de certa forma por mais que preferisse estar ao redor de pessoas, esses eram momentos preciosos.

Perdida em seus pensamentos, Carmélia quase não percebeu as gigantescas placas de energia solar que se estendiam por mais de um quilômetro no sertão em volta da estrada, levando energia à Quixeramobim e principalmente à Quixadá, cidade em que pouco minutos ela chegou e a calma do silêncio foi levada pelo vento e em seu lugar a zoadada da cidade retornou. Carmélia seguiu pela cidade com sua moto, diminuindo a velocidade e parando para pedir informação sobre o laboratório às pessoas que passavam pela rua.

Chegando no laboratório, Carmélia estacionou sua moto na calçada em frente ao laboratório, que era uma construção imensa com placas de energia solar por todo o telhado, desceu da moto e subiu as escadas em direção à porta, entrou e logo foi encaminhada à sala em que seu pai estava.

– Rapaz, eu num acredito, não! disse o pai de Carmélia espantado, se levantando da cadeira em que estava sentado para abraçar a filha sorridente – Como é que você sabia que eu tava por aqui, filha?

– Foi mãe que me disse, ela falou que o senhor tá fazendo umas pesquisas em cima de um aparelho que encontraram numa base da Cluster, então vim dar uma olhada, parece importante.

– Ah, então foi Gerundina que te disse, foi? Essa tua mãe num deixa escapar nada, nunca vi mulher tão centrada – disse o pai de Carmélia rindo – O que a

gente tá estudando aqui é esse aparelho da Cluster, ele vem sendo usado pela agência e suas milícias para roubar a mente das pessoas que eles capturam.

– Então não tão só roubando as dos falecidos?

– Não, e eles provavelmente vêm fazendo isso há muito tempo, é uma tecnologia bem mais barata e simples do que as que eles usam pra roubar as dos mortos, aquelas antes de raios eletromagnéticos. Com essas mentes roubadas eles têm ainda mais informação sobre nosso povo e essa terra, e junto de milícias dos militares eles vendem essas informações para o governo, que tenta de todo jeito destruir nossa nação – o pai de Carmélia riu sarcasticamente – já faz quase um século que tão nessa marmota, ridículo – uma expressão mais séria de nojo ocupou o lugar de seu sorriso cínico.

– Bando de cachorro! disse Carmélia dando um leve soco na superfície da mesa que estava próxima, assustando seu pai, que raramente via a filha assim.

– É, e ganham dinheiro, viu? Essas agências recebem um financiamento absurdo pelo governo e pelos militares. Enfim, o que estamos estudando é a possibilidade de invadir os servidores da Cluster onde estão armazenadas todas as almas.

– Como?

– Usando o aparelho em alguém e enviando uma mente até lá.

– E como vocês esperam fazer isso sem que a pessoa fique presa lá? perguntou Carmélia, indignada com o que o pai havia dito.

– Era aí onde eu queria chegar – o pai de Carmélia andou até uma prateleira próxima e pegou um frasco de vidro cheio de um líquido alaranjado – esse frasco está cheio de dimetilriptamina, o DMT, foi extraído da raiz da jurema preta.

– E do que isso vai servir?

– O que a Cluster faz, além de roubar as energias da região, é roubar mentes, almas, subscientes fechadas e aprisionadas. Como o DMT é uma substância que deixa nosso subsciente aberto, poderíamos mandar para os servidores da Cluster uma mente livre e talvez podendo destruir os sistemas da Cluster por dentro, libertando todas as mentes presas!

Carmélia ao ouvir essas palavras caminhou até uma cadeira próxima e se

sentou, fixando os olhos num canto da sala, com o dedo tocando o queixo e os lábios, perdida em seus pensamentos:

“Mas há de chegar um dia, minha pretinha, em que alguém vai acabar com tudo isso, e num vai ter nada nesse mundo que vai parar essa pessoa, disso eu sei”, essas palavras de Dona Nê vieram à mente de Carmélia como uma epifania.

- Eu vou - disse Carmélia ao pai, sem tirar os olhos de onde estavam.
- Deixe de conversa - disse seu pai num tom sério, colocando o frasco de vidro de volta na prateleira.
- Alguém se propôs a ir, então?
- Não, ninguém tá doido de fazer isso, por enquanto é só uma hipótese.
- Alguém precisa colocar o experimento em prática, então! gritou Carmélia ao pai.
- Eu não vou deixar minha filha tomar esse risco, não tô nem doido! gritou seu pai de volta.
- Isso não é sobre mim! gritou Carmélia ao pai, se levantando da cadeira e o encarando nos olhos, que também a encarou de volta com um olhar sério - É a primeira vez em décadas que encontramos uma maneira de destruir essa agência e vocês não vão fazer nada? Deixa eu fazer, então!
- Não, Carmélia. Isso não vai acontecer - respondeu seu pai, com a voz firme - Flávio, por favor, leve Carmélia à saída.

O estagiário do pai de Carmélia andou até ela, mas ela se afastou com raiva:

- Não precisa, já tô de saída - e saiu daquela sala revoltada, caminhando até a saída do laboratório.

Antes que pudesse descer as escadas em direção à sua moto, Carmélia recebeu uma ligação em seu celular, e quem atendeu do outro lado da linha foi sua colega que havia ficado no seu lugar nas supervisões em Quixeramobim, estava aos prantos e soluços, mal conseguia falar.

- Sofia se matou! A mãe dela achou a bichinha morta dentro do banheiro, bebeu veneno. Morreu. Era uma criança. Tá morta - a moça disse antes de voltar a se afogar em lágrimas. Tem alguma coisa errada por aqui, a Cluster deve tá fazendo alguma coisa, Sofia não é a única que tava agindo de forma estranha.

Carmélia se sentou num dos degraus da escada e o soluçar da sua colega no outrolado da linha ecoava em sua mente junto às gargalhadas de Sofia, lembrava-se da vez em que brincaram a tarde toda na escola em que estudava, contou histórias para a menina e trançou seus cabelos com fitas coloridas.

O Sol já havia descido do céu e a Lua ia tomando o espaço da luz do dia, trazendo a noite para o sertão, que estava mais escura do que nunca, junto ao coração de Carmélia, apertado, soluçava com tanta força que seu peito doía e lágrimas escorriam-lhe o rosto como uma cachoeira e as lágrimas ardiam em seu rosto junto da raiva que sentia no momento.

"... e num vai ter nada nesse mundo que vai parar essa pessoa". Dona Nê mais uma vez veio aos seus pensamentos, e em sua casa, sentada em uma cadeira de balanço, a senhora não sabia mais se deveria esperar a neta para o café, tinha a sensação de que nunca mais sentariam juntas de manhã para tomar café. Um urutau pousou na janela da sala em que Dona Nê estava e pôs-se a cantar a sua canção fantasmagórica.

– Tome cuidado, menina – disse Dona Nê, esperando que Carmélia sentisse suas palavras, seja onde ela estivesse.

Carmélia passou a noite em um quarto de hotel que ficava numa esquina próxima ao laboratório, observando a movimentação, esperando o momento de agir.

Foi por volta das onze da noite em que o último membro do laboratório finalmente saiu e trancou as portas, e imediatamente ela saiu em disparada pelo hotel em direção à saída, e pela rua caminhou até o laboratório, subindo as escadas e parando em frente à entrada do laboratório, e usando o cartão que havia roubado de dentro do jaleco de seu pai sem que ele percebesse durante a discussão dos dois mais cedo, destrancou a porta.

Rapidamente pôs-se a caminhar em direção à sala em que esteve com seu pai mais cedo, mas sentado em uma cadeira em frente à porta da sala estava Flávio, guardando a sala, e se assustou quando percebeu a presença de Carmélia ali:

– O Seu Adalberto sabia que a senhora poderia aparecer e me pediu para ficar aqui, por favor Carmélia, vá embora, não faça isso – disse Flávio calmamente à Carmélia, ainda que nervoso, e parando em frente a porta da sala.

– Sai da frente, Flávio – disse Carmélia, tentando conter sua raiva.

Flávio parou, mas não saiu da frente da porta, manteve sua posição de guarda.

– Sai da frente, Flávio! – gritou Carmélia, dessa vez não se preocupando em conter o que sentia.

– Por favor, vá embora – disse Flávio mais uma vez, dando alguns curtos

passos em direção à Carmélia.

– Afaste-se! – disse Carmélia, posicionando-se em uma forma de defesa, colocando uma das mãos na parte de trás das costas, próximo a cintura.

– Carmélia, por favor! – gritou Flávio, se aproximando com passos mais acelerados de Carmélia, erguendo os braços em sua direção, somente para sentir uma lâmina gélida que Carmélia tirou de sua cintura entrar e sair de sua axila, e virando o rosto para baixo viu seu jaleco adquirir uma cor avermelhada e sentiu todo o percurso que seu sangue tomou escorrendo pelo seu corpo até o chão. Encarou Carmélia antes de cair no chão, e ensopado em seu sangue quente morreu, deixando sua jovem vida como a lágrima que escorreu de seu olho esquerdo; de forma fria e rápida, morreu de olhos abertos.

Carmélia observou o último suspiro sair da boca de Flávio e o seu último olhar ser desferido a ela, mas Carmélia não tinha tempo para mais dor e seguiu seu caminho em direção à sala, passando pela poça de sangue que se formou no chão e deixando pegadas vermelhas por onde passava, andou até a prateleira em que seu pai guardou o frasco com a substância e a bebeu, tudo de uma vez, em seguida andou até a mesa em que estava o aparelho em forma de capacete que seu pai lhe mostrou mais cedo, pegou o aparelho e colocou em sua cabeça e o ligou, Carmélia imediatamente caiu no chão, batendo sua cabeça na quina da mesa antes de apagar.

A agonia que sentiu naquele momento foi indescritível, Carmélia estava vivendo todas as suas memórias ao mesmo tempo num ciclo que parecia eterno, não podia chorar, nem gritar e nem se debater de agonia, só sofrer, presa em seu subconsciente. Sentia as dores de Sofia daquela manhã, o arrependimento pela morte de Flávio, mas principalmente, sentia uma dor de ter fracassado e com a ideia de que todas as informações que tinha sobre a NSC estavam nas mãos daquela agência, a Cluster.

A sensação que Carmélia sentia era de que estava à deriva há anos luz no espaço, presa, porém ela não fracassou, e pouco mais de quarenta minutos depois

a substância chegou à sua mente, de repente fazendo com que ela se expandisse por todos os cantos, explodindo como uma supernova, Carmélia sentia as dores e as memórias de todos e toda a energia que estava armazenada naqueles servidores, e estando ciente de tudo que existia e existe naquele momento, ela foi libertando todas as almas ali presentes, que se uniam a ela em sua tarefa, todos juntos e conscientes de tudo.

Dentro da sede da Cluster em que estavam os servidores aprisionados, todos os funcionários gritavam de pânico e completo terror, todos os servidores e máquinas presentes na agência esquentavam em temperaturas desconhecidas, os fios derretiam e as carcaças pegavam fogo, e a central de energia que mantinha toda a agência energizada agora espalhava fortes cargas de eletricidade por toda a estrutura da agência, formando raios que se espalhavam e automaticamente carbonizavam o corpo do infeliz que entrasse em contato com qualquer um daqueles raios.

Uma presença densa começou a atormentar a mente de todos ali presentes, fazendo-os sentir todos os horrores que as almas aprisionadas nos servidores sentiram por tantas décadas, uma energia fortíssima os mantinha nesse estado de terror, aprisionados em seus subconscientes. Como em uma tempestade, a sede ficou mais densa e todos ouviram dentro de suas mentes milhões de vozes, que falavam em uníssono, como uma única voz:

“Vocês que só roubam e nada criam, vocês que só torturam e atormentam a vida e a morte, de nada servem para a terra, suas existências de nada servem para a vida, não devem ser lembrados ou ser abraçados pela terra após a morte.”

Densas nuvens carregadas e escuras se formaram no céu da noite sobre aquela sede, se chocando umas com as outras em um vórtex gigantesco, os estrondos dos raios podiam ser ouvidos por todo o sertão. E de uma vez, um único raio com uma voltagem gigantesca caiu sobre a agência, destruindo cada molécula, pensamento ou energia presente no corpo e na alma dos funcionários presentes ali, e antes de serem inteiramente banidos da existência, ouviram todas as milhões de vozes cantarem em coro uma canção acompanhada de chocalhos e batuques. Em um estalar de dedos, toda a agência foi destruída.

Seu Adalberto acordou num susto e correu de volta para o laboratório, sentia uma energia gigantesca no seu coração, mas sabia o que havia acontecido com a filha. No chão do laboratório, de joelhos, chorou diante do corpo sem vida da filha e do estagiário.

Toda a Nação do Sertão Central amanheceu em festa na manhã seguinte, comemoravam que finalmente a Cluster foi derrotada e todos puderam sentir e serem sensíveis de fato, nunca estiveram tão conscientes. Dona Nê foi encontrada sem vida, sentada em sua cadeira de balanço; morrera, mas um sorriso estava formado em seu rosto, finalmente pôde partir em paz. Todo o Sertão Central compareceu ao enterro de Sofia, Flávio, Carmélia e Dona Nê.

Carmélia e Dona Nê foram enterradas juntas, eternizadas no coração e nas memórias de todo o povo do sertão. Gerundina e Seu Adalberto choravam em silêncio diante do túmulo de Carmélia e Dona Nê, e ficaram lá até o Sol se pôr, quando seguiram seu caminho, com o coração dolorido.

Mais tarde naquele dia, Seu Adalberto confirmou num relatório em seu laboratório a eficácia da substância em que estavam estudando, enviando o relatório para o povo de uma outra nação, localizada no estado do Amazonas, junto do relatório ia a seguinte mensagem:

"Passar à frente, dependemos uns dos outros para existir e combater a Cluster" No meio do espaço, flutuava um diálogo entre uma jovem e uma senhora:

"E como que a senhora aguenta ficar esse tempo todo aqui, vovó?", perguntou Carmélia à Dona Nê.

"Esperança, pretinha", respondeu Dona Nê à neta.